



MENINO 23: A HISTÓRIA NÃO CONTADA

*Luana Cristine da Silva Duarte**

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Brasil

ORCID: 0009-0000-0454-9875

*Autor correspondente (e-mail: luanacristineduarte@gmail.com)

MENINO 23 - Infâncias Perdidas no Brasil. Direção: Belisário Franca. Roteiro: Belisario Franca e Bianca Lenti. Produção: Maria Carneiro da Cunha. Brasil: Elo Company, 2016.

O documentário “Menino 23 – infâncias perdidas no Brasil”, dirigido por Belisário Franca e com roteiro de Bianca Lenti, retrata parte de uma história que não foi contada. O filme inicia a narração com o evento de tijolos com a insígnia da suástica, emblema do nazismo alemão, encontrados em 1990 na fazenda da família Rocha Miranda, em Cruzeiro do Sul, São Paulo. No entanto, esse fato só ficou conhecido em 1998, tornando-se público somente em 2011 com a tese de doutorado do professor Sidney Aguilar Filho, intitulada “Educação, autoritarismo e eugenia: exploração do trabalho e violência à infância desamparada no Brasil (1930-1945)”.

Responsável pelo desenvolvimento dessa história, Sidney começou a desvendar esse evento quando, em uma de suas aulas sobre a Guerra Mundial, uma aluna disse que já havia se deparado com esse símbolo, pois foi achado na fazenda de sua família tijolos com tal imagem. Por conta desse relato, o estudioso deu início a sua pesquisa, descobrindo uma parte da história do Brasil digna de vergonha.

Falar sobre a história do Brasil e o desenvolvimento da sociedade brasileira sem falar de escravidão e racismo é, no mínimo, ignorância ou mau-caratismo, afinal, os resquícios do período escravocrata ainda são evidentes em todos os estados brasileiros, nas periferias, nas favelas e, principalmente, nas penitenciárias, mas também podem ser percebidos, de forma mais sutil, porém não menos importante, nas universidades, nas empresas, nos elevadores sociais e de serviço e nos índices de emprego e desemprego, de maneira geral. A história do Brasil se inicia com a colonização de maneira brutal, configurando-se na base de mentiras, estupros, sequestros, mortes e torturas. Ao passo que as populações indígenas eram escravizadas, se tornavam propriedades dos homens brancos invasores de suas terras, e vagamente dizimadas, homens negros, sequestrados da África, eram trazidos ao Brasil, para exercer o trabalho braçal que os colonizadores exigiam. (STRIEDER, 2020)

O professor começou sua viagem na fazenda Cruzeiro do Sul, no interior de São Paulo. Nela, encontrou Tatão, produtor rural que descobriu os tijolos. Em uma conversa, o fazendeiro relatou que ao encontrar tal objeto ficou assustado, pois ele conhecia a simbologia da figura. Na época em que fez a descoberta, disse que naquela fazenda havia acontecido algo de errado. Tentando saber mais do que ocorrera por lá, perguntou aos mais velhos, vizinhos, empregados, porém ninguém mencionou nada, pois tinham medo de dizer qualquer coisa sobre o lugar. Os antigos moradores, os Rocha Miranda, eram pessoas poderosas e de prestígio social altíssimo,

uma família que aparentemente só realizou o “bem” pela cidade, inibindo qualquer manifestação.

Em sua visita, o professor também encontrou um antigo funcionário, seu Aloisio, que permaneceu ali por não ter para onde ir. Seu Aloisio, em um primeiro momento, não quis falar com o historiador, ficou arredio e disse que, ao se lembrar do que vivenciou, ficava irritado, pois convivía com a sensação de uma infância roubada. Como Kilomba (2019, p.27) menciona, “uma longa história de silêncio imposto”.

Sidney foi em busca de mais informações. A sua primeira parada foi no Arquivo Nacional, no Rio de Janeiro, antes de retornar à fazenda. Na busca por encontrar algo, deparou-se com a história da família Rocha Miranda, pessoas da elite desde os tempos do Império e ligadas à ideologia alemã. O professor se perguntava a todo momento como uma sociedade poderia aceitar as ideologias do nazifascismo enquanto algo comum. Vivemos uma luta diária no combate aos preconceitos de gênero, religiosos, à homofobia, às desigualdades sociais e ao racismo no Brasil e no mundo. Sobre esse ponto, o historiador Guilherme Oliveira da Silva relata:

Nenhum país do Ocidente ou do Oriente possui tantas heranças históricas, culturais e sociais do continente africano quanto o Brasil. Com mais de 100 milhões de habitantes afrodescendentes, Brasil é o país com o maior número de negros fora do continente africano. (SILVA, 2022, p. 8)

O Brasil foi o último país a abolir a escravidão, mas o que foi feito com os negros? Não houve uma integração ou restituição social. Quando conseguiam algum trabalho, este era sempre condicionado à exclusão, pois os negros não eram tidos como merecedores de um ambiente saudável; eles foram e são inferiorizados até hoje. Dizem que as décadas de 1920 e 1930 foram consideradas as mais racistas do Brasil. Será mesmo? O que estamos vivenciando nesses tempos sombrios? O que a sociedade nos mostra ainda hoje? Será que não estamos ainda nas décadas de 1920 e 1930? Não podemos deixar que essa parte da história vire um conto de fadas e que algumas pessoas ou instituições suavizem a perversidade da real história que o país passou e ainda passa, e no qual o historiador balbuciou perplexo ao entrar de cabeça na pesquisa. Sobre isso, Cecília Garcia (2020) relata:

Continuamos a ser, como há 40, há 200 anos, um país da negação. Não somos racistas, mas somos racistas. Somos um país cheio de gente pacífica, mas muito violento. Temos umas das melhores legislações para proteger as crianças, e como sociedade, violamos assustadoramente nossa juventude, principalmente a pobre, negra e periférica”, conclui o historiador. “Quando a gente percebe na sociedade essa brutalidade seletiva, temos de nos envergonhar individual e coletivamente por ela persistir.

A mobilização da extrema direita nas décadas de 1930 e 1940 foram cruciais para a ascensão de movimentos integralistas e nazifacistas. À época, Getúlio Vargas mantinha acordos econômicos com a Alemanha, fato que proporcionou ao Brasil o segundo maior partido nazista fora da Alemanha. Queriam a higienização do povo brasileiro. Houve uma explosão de movimentos eugenistas, um período “que tinha como objetivo central argumentar que as pessoas não brancas deveriam parar de se reproduzir a fim de tornar o mundo mais evoluído” (SILVA, 2022, p.12). O racismo cresceu de tal forma que já podia ser visto em filmes, músicas (marchinhas de carnaval), trabalhos e por toda parte do século passado. Talvez nada tenha mudado acerca da exclusão dos mais fragilizados social e racialmente.

O testemunho do seu Aloisio foi consentido quando o estudioso retornou uma segunda vez. Sidney voltou com suas pesquisas feitas no orfanato, mostrando o nome de sua mãe e

tendo uma longa conversa sobre as suas memórias. Ele narrou que alguns garotos, em sua maioria negros, foram trazidos de um orfanato no Rio de Janeiro pelos Rocha Miranda com o objetivo de estudar. Tal relato deixou o pesquisador intrigado com a relação do símbolo da suástica e a vinda de crianças do orfanato Romão de Matos Duarte, localizado no bairro do Flamengo, na cidade do Rio de Janeiro. Seu Aloisio foi retirado dentre as 50 crianças negras pelo seu “porte físico” para trabalho, mas não foi mencionada essa parte para o orfanato e principalmente para as crianças. Ao voltar ao orfanato que vivera na infância, lembrou-se de alguns momentos de sua permanência até a saída e pôde desabafar

lembranças traumatizantes, lembranças que esperam o momento de propício para serem expressas. A despeito da importante doutrinação ideológica, essas lembranças durante tanto tempo confinadas ao silêncio e transmitidas de uma geração a outra oralmente, e não através de publicações, permanecem vivas. O longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais. (POLLAK, 1989, p. 5)

Naquela época, o nazismo afetou o mundo em diversos pontos, sendo um acontecimento de extremo horror. No Brasil, a família dos Rocha Miranda desempenhou um papel de importância nessa barbárie ao assumirem papéis de algozes para uma pequena parcela dos meninos. Em contrapartida, ainda eram considerados uma família “de bem” para aqueles que moravam nas redondezas.

Ao longo das conversas, Sidney tentava fazer com que seu Aloisio lembrasse de algo a mais, pois tinha receio de que o sobrevivente fosse o único vivo a contar sua versão do que ocorrera com ele na fazenda. Conversando para lembrar a sua memória, o historiador conseguiu descobrir mais dois personagens com as informações: seu Argemiro e José – este último mais conhecido como Dois. Seu Aloisio foi lembrado e falou de um detalhe sobre seu Argemiro: lembrou que ele tinha entrado para a Marinha brasileira. Sidney pesquisou e encontrou no Arquivo Nacional o nome Argemiro, que não era comum na época. Seu Argemiro foi localizado em Foz do Iguaçu, local aonde o professor foi em busca desse outro personagem da história que o Brasil não sabia que existia.

Seu Argemiro, aposentado, é um dos sobreviventes da fazenda Cruzeiro do Sul. Inicialmente, um dos filhos de seu Argemiro exprime surpresa quando Sidney mostra sua pesquisa, a qual expõe o que seu pai viveu, visto que ele não gostava de contar sobre sua vida antes de ingressar na Marinha. Sua esposa também desconhecava seu passado, pois ele não falava muito. Na conversa, seu Argemiro contou tudo que vivenciou, suas lembranças daquele período até o dia em que fugiu da fazenda, antes mesmo dos meninos serem libertos. Em alguns momentos, seu Argemiro dava risadas da sua própria tragédia e dizia: “Fazer o quê? Já passou...”. Sua esposa completou dizendo que era melhor esquecer e concluiu dizendo que ninguém deveria passar o que ele passou. Segundo Pollak (1989),

O exemplo seguinte, completamente diferente, é o dos sobreviventes dos campos de concentração que, após serem libertados, retornaram à Alemanha ou à Áustria. Seu silêncio sobre o passado está ligado em primeiro lugar à necessidade de encontrar um modus vivendi com aqueles que, de perto ou de longe, ao menos sob a forma de consentimento tácito, assistiram à sua deportação. (POLLAK, 1989, p. 5)

Seu Argemiro, além de tentar esquecer o sofrimento que passou, buscou constituir sua própria identidade e um novo legado. Conseguiu dar continuidade à sua vida e criou uma história para a sua identidade. Essa nova constituição identitária construída foi de extrema urgência, pois só quando começou a reescrever sua história, silenciou seu sofrimento, não

desejando que nenhuma pessoa vivenciasse a dor pela qual passou.

O outro menino mencionado foi José, vulgo Dois. Quem recebeu Sidney foi a família, pois a vítima já havia falecido. A família de Dois mencionou que ele foi um “privilegiado” por trabalhar dentro da casa e cuidar de algumas crianças, escolhido pela mãe dos Rocha Miranda por ter um jeito delicado e comunicativo. Dois teve uma criação diferenciada dos outros meninos. Apesar do papel privilegiado, ele ainda mantinha o comportamento dos padrões estéticos da casa grande, sendo apenas um funcionário e realizando serviços domésticos. A filha de Dois, Maria da Glória, disse que algumas lembranças de seu pai o faziam mal, por isso começou a beber. Morreu levando para o túmulo a versão dele dessa história.

As lembranças mencionadas acima, dos sobreviventes e da família de Dois, são traumáticas, sendo expostas apenas no momento certo. Enquanto seu Aloisio lembra das memórias com raiva, sofrimento e dor, seu Argemiro ri de suas próprias tristezas. Ambos sentiram a mesma dor, mas é trabalho de cada um deles escolher como irão lidar com ela. Para seu Argemiro, o silêncio tem sido um modo de sobrevivência que acabou por se tornar seu escudo. Ele evita recordar os traumas do passado, uma vez que tudo já ficou para trás. Já seu Aloisio, tem uma versão diferente do antigo amigo. Ele se lembra com raiva dos dias que viveu na fazenda, da infância que não teve, dos castigos sofridos, e relata que só vive por conta das lembranças.

O relato sobre essa parte terrível da história brasileira nos remete a Pollak (1992, p. 6): “nesse caso, o silêncio tem razões bastante complexas. Para poder relatar seus sofrimentos, uma pessoa precisa antes de mais nada encontrar uma escuta”. De acordo com seu Aloisio, ele contou para as pessoas da cidade o que tinha acontecido, mas foi desacreditado por todos, visto que os Rocha Miranda eram os benfeitores da cultura local, sendo nome de rua, escola, monumentos e tudo mais que tivesse crescimento na região. Seu testemunho não tinha nenhuma validação ou documento que pudesse comprovar tudo que disse: era a sua voz contra a de uma família, uma cidade e a base histórica sobre as ações que eles realizaram para a sociedade da época. Como poderiam acreditar em uma pessoa que não possuía nenhuma base teórica ou qualquer documento que pudesse comprovar a história?

A partir do documentário “Menino 23 – infâncias perdidas no Brasil”, podemos nos lembrar de movimentos que estão surgindo e criando espaços para que as pessoas possam falar o que aconteceu com elas. Um exemplo que podemos mencionar é a ditadura militar brasileira. Após anos de lutas, uma parcela dos sobreviventes da tortura do período ditatorial conseguiu que fossem reabertos os processos contra os algozes de milhares de vítimas que foram mortas e desapareceram, vítimas de abusos de todas as formas possíveis.

Na busca pelos reparos do passado, estão surgindo organizações de direitos humanos, como a Comissão Nacional da Verdade, que tem como objetivo reparar as vítimas, desvendando o que aconteceu com os mortos da ditadura, e outros projetos de caráter antirracista que estão a derrubar monumentos de escravistas na cidade de São Paulo, por exemplo. Personalidades essas que matavam, estupravam e escravizavam negros e índios. Tal movimentação não vem ocorrendo apenas no Brasil, mas ao redor do mundo, pois alguns grupos sociais começaram a se incomodar e despertaram para questões que não eram mencionadas ou discutidas.

Assim, a história só obteve legitimidade a partir do momento que os sobreviventes conseguiram um espaço que pudesse ser ouvido. Tiveram seu testemunho levado a sério, garantindo que essa parte da história brasileira não fosse apagada. As vozes dos silenciados foram emergindo, levando a outros patamares de visibilidade e reparação. As memórias subterrâneas dos grupos minoritários foram escutadas.

As histórias foram, aos poucos, sendo revalidadas pelo sistema, que por muito tempo quis apagá-las. As vozes silenciadas foram ouvidas e legitimadas. As memórias dos excluídos estão sendo conhecidas e grupos minoritários estão ganhando cada vez mais espaços e credibilidade. Dessa forma, Pollak comenta:

Ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à "memória oficial", no caso a memória nacional. (POLLAK, 1989, p.4)

Referências

BRITO, S. Derrubada de estátuas: vandalismo ou reparação histórica? | VEJA. **VEJA**, 2020. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/derrubada-de-estatuas-vandalismo-ou-reparacao-historica>. Acesso em: 13 ago. 2023.

GARCIA, C. Documentário retrata infância roubada em fazenda nazista no interior de São Paulo. **Criança Livre de Trabalho Infantil**, 2016. Disponível em: <https://livredetrabalho infantil.org.br/noticias/reportagens/menino-23-documentario-retrata-infancia-roubada-em-fazenda-nazista-no-interior-de-sp/>. Acesso em: 13 ago. 2023.

KILOMBA, G. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Tradução de Jess Oliveira. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2 n. 3, p. 3-15, jan./jun. 1989.

SELIGMANN-SILVA, M. Márcio Seligmann-Silva fala ao TUTAMÉIA TV. [Entrevista concedida a] Eleonora e Rodolfo Lucena. **TUTAMÉIA TV**, 16 set. 2020. Disponível em: https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=363927061441506. Acesso em: 13 ago. 2023.

SOBRAL, M.; SCHMIDT, S. Após três séculos abrigando crianças abandonadas no Rio, Fundação Romão Duarte fecha as portas. **O Globo**, 2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/noticia/2022/07/apos-quatro-seculos-abrigando-menores-abandonados-no-rio-fundacao-romao-duarte-fecha-as-portas.ghtml>. Acesso em: 13 ago. 2023.

STRIEDER, D. Menino 23. **Portal Geledés**, 2020. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/menino-23/>. Acesso em: 13 ago. 2023.



A **Revista de Comunicação Dialógica** (RCD) é editada pela Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e está licenciada sob uma licença Creative Commons Atribuição- Não Comercial- Compartilha Igual 4.0 Não Adaptada.

Link: <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

Recebido em: 24/09/2023
Aprovado em: 06/10/2023